

ENTREVISTAS

ENTREVISTAS

INTERVIEWS

CON ALICIA STOLKINER
LA HOSPITALIDAD: UNA
ALTERIDAD FUNDAMENTAL QUE
SURGE DE HACERSE VULNERABLE
A LA PREGUNTA DEL OTRO.

COM ALICIA STOLKINER
HOSPITALIDADE: UMA ALTERIDADE
FUNDAMENTAL QUE SURGE AO SE TORNAR
VULNERÁVEL À PERGUNTA DO OUTRO.

WITH ALICIA STOLKINER
HOSPITALITY: A FUNDAMENTAL OTHERNESS
THAT ARISES FROM BEING VULNERABLE TO
SOMEONE'S QUESTION.

Por Miguel Tollo
Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados
ORCID 0009-0004-7699-0765
Correo electrónico: migueltollo@yahoo.com.ar

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Tollo M. (2023) ENTREVISTA CON ALICIA STOLKINER
LA HOSPITALIDAD: UNA ALTERIDAD FUNDAMENTAL QUE SURGE DE HACERSE VULNERABLE A
LA PREGUNTA DEL OTRO..

Intercambio Psicoanalítico 14 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2. 11/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

COM ALICIA STOLKINER

A HOSPITALIDADE: UMA ALTERIDADE FUNDAMENTAL QUE SURGE AO SE TORNAR VULNERÁVEL À PERGUNTA DO OUTRO.

Miguel Tollo¹

1 Psicólogo. Psicanalista, formado pela AEAPG. Ex-presidente e sócio honorário da AEAGP. Professor de Saúde Pública, Saúde Mental e Clínica Psicológica Infantil na Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional del Chaco Austral. Titular de Supervisão e Psicopatologia da Adolescência no Curso de Especialização em Clínica Psicanalítica com Crianças e Adolescentes (UCES-APBA). Ex-presidente da Associação de Psicólogos de Buenos Aires e do Conselho Consultivo Honorário Nacional de Saúde Mental e Dependências. Membro do Fórum Infâncias. Compilador do livro *Escuchar las Infancias* (Noveduc-2019) e autor de artigos em publicações especializadas como *El Psicoanalítico*, *El Hormiguero*, *Actualidad Psicológica*, *Sección Psicología de P12* e outras.

No contexto do XII Congresso da FLAPPSIP “Bordas e Desbordamentos. Transformações em tempos de desmesura”, conversamos com a Dra. Alicia Stolkiner sobre sua apresentação: *De incertezas e descentramentos: amar o próximo ou ser hospitaleiro com o outro?*

Dentro da temática convocante, interessava especialmente ouvir suas reflexões, a partir de um pensamento transdisciplinar que desenvolveu como pesquisadora envolvida nas realidades que estuda. Referente em Saúde Pública e Saúde Mental no seu país, ela é uma observadora rigorosa das realidades sociais e políticas atuais, que encara com uma lucidez incisiva, mas nunca sem uma dose de ternura e humor.

A entrevista foi realizada para *Intercambio Psicoanalítico* pelo Dr. Miguel Tollo (AEAPG)

Miguel Tollo: Desde já, muito interessante e instigante todo o argumento que você apresenta, começando pela questão das certezas e incertezas do nosso tempo. Suponho que estamos falando das incertezas que surgem da queda das certezas da Modernidade.

Alicia Stolkiner: A Modernidade, o Iluminismo, o pensamento ocidental hegemônico, o ocidentalocentrismo, o androcentrismo, o zoocentrismo... Eu diria que descentralizar o antropocentrismo é romper com a ideia hegemônica da Modernidade - que não é compartilhada por todas as culturas - de considerar o ser humano como algo separado de todas as espécies zoológicas. Como se não tivéssemos nenhuma característica de espécie zoológica. Então, para nós, parece natural que, por exemplo, o pensamento de Hobbes sugira que, sem uma norma externa que limite os indivíduos, as sociedades seriam um caos de violência e competição.

Miguel Tollo: O homem é o lobo do homem...

Alicia Stolkiner: Bom, mas você sabe o que acontece? Não sabia nada sobre como são os lobos. Os lobos são uma espécie gregária que tem uma ordem social muito importante: hierarquias, respeito, cuidados mútuos, cuidados coletivos de filhotes. Então Hobbes propõe isso porque não acredita que a espécie humana seja uma espécie, uma espécie de mamíferos gregários. Portanto, não há uma forma natural do humano, mas isso não significa que deixamos de ser uma espécie, mas sim uma espécie que fugiu e rompeu o equilíbrio de seu habitat. Então, nós pensamos

que precisamos de uma norma externa e de uma autoridade que a garanta. E isso é trabalhado por Freud quando ele adota essa ideia de Hobbes de que as leis são o produto da renúncia pulsional para poder viver em comunidade. Depois, ele diz que o que acontece é que, à medida que avançamos um pouco, as comunidades são constituídas por pessoas de poder desigual. Por exemplo, por homens e mulheres, por pais e filhos, e por senhores e escravos. A questão de gênero, patriarcado e classe. Desde então, as leis serão feitas por e para os poderosos. E haverá uma forma de transgressão da lei. Uma delas ocorre quando os próprios poderosos que estruturaram essas leis sentem que estão sendo limitados em determinadas coisas e, então, as violam. A segunda ocorre quando aqueles que foram deixados de fora desse avanço jurídico tentam entrar no âmbito desses direitos. Por exemplo, a Lei Sáenz Peña de voto universal e obrigatório era apenas para os homens. Mas a existência do voto universal e obrigatório por si só configura a possibilidade do movimento sufragista nas mulheres.

Depois, há outros autores, como Terry Eagleton, que afirmam que essa ideia de que a expansão dessa construção chamada "indivíduo" em sua "liberdade", que encontra um limite apenas no externo, é a origem do terror. Porque se o limite é constituído apenas pelos outros, então quanto menos outros houver, melhor.

Miguel Tollo: Meus direitos terminam onde começam os do outro, é a famosa frase...

Alicia Stolkiner: Tomando Levinas, poderíamos dizer que meus direitos são os direitos do outro e os meus, na medida em que eu sou "o outro do outro". Se alguma vez configuramos uma sociedade gregária, isso por si só é pensado de maneira diferente. Essa ruptura com a lógica do gregário a partir da categoria do indivíduo, uma categoria que, como diria Foucault, é alcançada na Modernidade, é uma construção que quase diria estar condenada a produzir sofrimento subjetivo.

Miguel Tollo: Almudena Hernando vai afirmar, em uma de suas principais teses, que essa clivagem interna na espécie humana ocorre quando o homem, do sexo masculino, com o poder que acumula a favor da ordem patriarcal, renuncia ao aspecto relacional e o deixa nas mãos da mulher.

Alicia Stolkiner: E isso relacional é subordinado.

Miguel Tollo: Por que você destaca o amor ao próximo como a si mesmo ou ser hospitaleiro com o outro?

Alicia Stolkiner: Porque é um elemento da cultura judaico-cristã da qual fazemos parte. Não quero entrar no debate teológico, mas há uma linha, que Freud trabalha e depois Lacan retoma sobre este, quase diria, princípio fundacional do pensamento ocidental judaico-cristão. Nesse

princípio, encaixa-se a virtude teológica da caridade, que possui diferentes interpretações. Quando você diz “amar ao próximo como a si mesmo”, o próximo por si só tem uma limitação, pois o próximo é o semelhante, aquele que pertence à minha comunidade. Depois, expande-se ou não. Quando a Igreja Cristã passa a ser a Igreja do Império, os conceitos se secularizam, tornando-se parte da configuração cultural da época. Essa ideia de caridade sofre uma terceirização em relação à sua definição original, que trata de amar a Deus e, da mesma forma, amar ao próximo. Não é especulação. Poderia quase dizer que é uma terceirização patriarcal: ser amado da mesma maneira que se ama o pai. A ideia de caridade secularizada ou como parte da cultura deriva na ideia de beneficência e no que alguns autores chamam de filantropia. Já na versão liberal-estatal, trata-se da filantropia, que é uma forma de oferecer ajuda sem gerar direitos.

Freud questiona o “amar ao próximo como a si mesmo”, pois sugere que a agressividade é constitutiva do humano e que o próximo aparece para mim tanto como objeto de amor quanto de agressão ou uso. Ele afirma que a agressividade é canalizada quando fazemos parte de um grupo que adere a um líder ou identidade e é direcionada contra outros. É extenso de trabalhar..., mas Freud incorre, como todos, na busca por um universal humano. Além disso, ele adiciona uma complicação, que é a possibilidade de negar a outro o caráter de próximo. E aí entramos em algo que Judith Butler aborda, que é a categoria de vidas que não merecem ser choradas, não merecem luto. Isso é tão característico desta época. Primeiro você objetiva e depois a morte dessa pessoa não tem valor, sua vida não é equivalente à vida de um semelhante.

Miguel Tollo: Aí aparece claramente um posicionamento ético em jogo e algo que você projeta para as práticas, que é a clínica ampliada.

Alicia Stolkiner: Claro, isso tem uma derivação geral no que acontece na sociedade. Eu inicio a apresentação com um texto de Freud de 1915: Arrastados pelo turbilhão deste tempo de guerra, informados apenas unilateralmente, a uma distância insuficiente das grandes transformações que já foram realizadas, ou começam a ser realizadas, e sem qualquer vislumbre do futuro que se estrutura, nos afastamos do caminho em relação ao significado que atribuímos às impressões que nos oprimem e na avaliação dos julgamentos que formamos.

(Freud, S. [1915] *Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte*)

Plena guerra de 1914, com um filho na frente que vai ser o pai da criança do fort-da, e também se aproxima a epidemia da chamada gripe espanhola na qual morre uma de suas filhas.

Miguel Tollo: Longe do individualismo autossuficiente: uma subjetividade ao relento, vivenciando sua precariedade, como também se refere Butler em *Vida precária*; precária e desprovida de certezas e fundamentos.

Alicia Stolkiner: Com relação às incertezas, De Souza Santos afirma: Perdemos a confiança epistemológica. Instalou-se em nós uma sensação de perda irreparável, tanto mais estranha porque não sabemos com certeza o que estamos prestes a perder; admitimos também, em outros momentos, que essa sensação de perda seja talvez a cortina de fumaça atrás da qual se escondem as novas riquezas da nossa vida individual e coletiva.

(De Sousa Santos, Boaventura [2018] *Construyendo las epistemologías del Sur*, pág. 33)

Eu tomei disso a ideia das incertezas; essa necessidade de desconstrução. E volto ao que foi mencionado anteriormente, de analisar de forma analítica, sem entrar na discussão teológica, nem mesmo no que significa ainda hoje no campo das pessoas com fé, a função cultural na cultura ocidental de amar o próximo como a si mesmo.

Miguel Tollo: Que também possui um foco no individual. E quando você fala de uma clínica ampliada e do coletivo, está proporcionando uma perspectiva descentrada do individual.

Alicia Stolkiner: Porque a clínica ampliada, como a retomada do pensamento de Basaglia sobre a saúde coletiva, não está relacionada apenas à clínica no campo psi. Possui alguns componentes mais abrangentes, como por exemplo, colocar entre parênteses a doença, o que não significa ignorá-la, mas sim trazer à tona o que se relaciona com a vida coletiva, com a vida comunitária, com a rede social na qual a pessoa está inserida, com a singularidade. E é aí que entra a questão de amar o próximo como a si mesmo, ou a categoria de hospitalidade, conforme proposto por Derrida. Derrida e Anne Dufourmantelle trabalham o conceito de hospitalidade nesse estranho livro (*La hospitalidad*), em que dialogam escrevendo uma página cada um. Além disso, Derrida está dialogando com uma filósofa jovem, que escreveu um texto sobre o risco e, curiosamente, morre salvando dois crianças do mar.

Miguel Tollo: Elogio do risco. Ali Dufourmantelle dirá que "Viver é uma invenção arrancada do terror"...

Alicia Stolkiner: Porque a essência da hospitalidade é que ela é oferecida ao estrangeiro. Derrida está dialogando com ela em relação a um problema central neste momento, que é o problema da população migratória. A hospitalidade é oferecida ao estrangeiro, ao outro. É uma alteridade fundamental. Ele afirma que não é possível oferecer hospitalidade se, simultaneamente, não se é vulnerável à pergunta do outro.

Miguel Tollo: E isso também nos fala sobre as migrações internas.

Alicia Stolkiner: Claro. E também, quando você tem certezas, você não formula perguntas a si mesmo, ou não aceita a formulação da pergunta do outro em relação à sua própria posição em cada situação singular no campo da clínica, naquilo que os autores do pensamento da saúde coletiva chamam de “uma interseção com a subjetividade do outro”. Além disso, o conceito de subjetividade não coincide com a categoria de indivíduo. Se trabalharmos com o conceito de subjetividade, a individualização é uma forma de subjetivação. Então, essa ideia de interseção com a subjetividade do outro é aquela parte do ato clínico, do ato em saúde, que não pode ser padronizada, não pode ser protocolizada e não pode ser cobrada, porque a hospitalidade não se cobra, não tem preço, não entra no campo do mercado.

Miguel Tollo: Alicia, você destacou linhas muito valiosas que colocam no centro as questões mais prementes de nosso tempo. Várias coisas que você levantou nos convidam a pensar sobre a psicanálise...

Alicia Stolkiner: Temos muito para trabalhar, para pensar no campo da clínica e no campo da psicanálise. Não quero me envolver em um debate interno da psicanálise, onde há muitas pessoas mais preparadas do que eu, mas sim formular perguntas e contribuir com elementos de debate, como esta questão da clínica ampliada que vem do terreno do pensamento médico-social e da saúde coletiva latino-americana.